

"Individualidade deve prevalecer"

11 JAN 2003

Com doutorado nos Estados Unidos, a nova secretária, Maria de Fátima Guerra, defende ensino desenvolvendo talentos

LUCIANA NAVARRO
REPÓRTER DO JB

O novo cargo à frente da Secretaria de Educação não tirou o jeito de professora de Maria de Fátima Guerra. Nascida em Natal, Rio Grande do Norte, mora há 20 anos na capital federal. Professora da Faculdade de Educação da UnB, conhece a realidade das salas de aula e pretende investir na qualificação e reciclagem de professores. O bom relacionamento com o ministro da Educação, Cristovam Buarque, contribuiu

"Brasileiro tem uma auto-estima muito baixa e vergonha do país"

para a escolha do governador Joaquim Roriz. Sem temer greves, Maria de Fátima aceitou o desafio e promete melhorar o conceito de educação no DF e ajudar secretarias de outros estados a melhorar o ensino local.

– São Caetano do Sul foi considerada a melhor cidade do país pela ONU por investir em educação, saúde e saneamento básico. O que a senhora pretende fazer para colocar Brasília no mesmo patamar?

– Primeiro acho que a gente precisa ampliar o acesso para as crianças pequenas. Em Brasília as crianças começam a estudar com 5 anos e meio desde o projeto *Quanto mais cedo melhor*. Mas ainda precisamos ampliar o número de creches. No Brasil, as pessoas acham que creche é assistencialismo e não educação, mas na verdade precisamos cuidar e educar e isso é muito mais que assistencialismo, é uma visão de educação integrada.

– Como funciona esse conceito de educação integrada?

– É preciso ver a criança como um todo, integrada a seu meio. Não existe a criança que é da família e a criança que é da escola. Existe uma criança em processo de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem. Acho que o brasileiro em geral tem uma auto-estima muito baixa e uma vergonha do país, conta até piada da sua própria pátria!

– Então a senhora defende o ensino cívico nas escolas?

– Também, uma postura, uma atitude cívica. As crianças devem aprender a ter orgulho do

nosso país e conhecer os heróis brasileiros. Para isso defendo o currículo integrado, que diminui a divisão do conteúdo em matérias. Não teríamos o professor de História, Geografia ou Ciências,

mas um processo educativo interdisciplinar. Assim todo mundo estaria contribuindo para a educação.

– Qual o maior problema enfrentado pelos jovens nas escolas hoje?

– A gente devia começar a trabalhar a educação onde a criança está, no sentido de conhecimento, de experiência, de expectativa. As crianças entram na escola com grandes expectativas e quando chegam acabam se decepcionando. Isso acontece porque ainda não se deu à educação o eixo de se trabalhar a individualidade. A gente está muito arraigado a essa

questão de ser capaz de passar ou não. Acho que a gente precisa abolir a palavra evasão do dicionário da educação. A palavra correta deve ser desempenho, aprendizagem, sucesso.

– A senhora acredita que o sistema de ciclos, previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, é uma forma de melhorar essa questão da evasão escolar?

– É um caminho. Mas não basta dizer só o ciclo. Precisa estar na consciência das pessoas. Se o conjunto dos professores tem essa visão de acompanhar o conhecimento e a aprendizagem das crianças, o ciclo vai estar muito associado ao período de vida.

– Então é preciso mudar a mentalidade do professor?

– Claro, porque a

série está muito relacionada a aprovar ou não. A auto-estima está relacionada a experiências de sucesso. Por isso eu pretendo, como secretária, trabalhar a auto-estima dos alunos e professores. Aqui no Distrito Federal você tem experiências maravilhosas que precisam ser divulgadas.

– É difícil ter auto-estima quando os salários estão baixos. Como a senhora está se preparando para enfrentar esse tipo de problema?

– Eu diria que estou tranquila. A vida de professor não me é estranha. Eu já fui professora do ensino médio e agora dou aula na UnB. A vida, a sala de aula, os desafios, os cansaços, os idealismos, as dedicações, nada disso me é estranho. Ainda não enfrentei o sindicato numa perspectiva

de governo, mas estou tranquila. Tanto o sindicato quanto o governo têm um papel a desempenhar e ambos de grande responsabilidade social.

– Como a senhora pretende se relacionar com o sindicato dos professores?

– Eu me coloco numa função importante de mediação. As decisões mais amplas não competem à secretaria. Pretendo trabalhar com os dados da realidade, numa linha franca, de diálogo. Mas na hora que precisar de posições mais firmes também terei coragem de assumir.

– Além da aparente dificuldade no relacionamento entre os professores e a secretaria qual outro problema a secretaria deve enfrentar?

– Eu acho que é a questão da conservação das escolas. Isso me sensibiliza e é nesse sentido que eu quero muito estreitar as relações com a família. Quando a comunidade sente que a escola é sua, ela não depreda e nem deixa quebrar.

– A senhora vai criar a a Universidade do Distrito Federal?

– Há essa idéia. Vou conhecer o projeto do governador. Sou uma representante do governo e vou estar buscando pôr em prática as questões

que estão no programa de governo.

– Qual será a prioridade da sua gestão?

– A educação infantil. Faço parte hoje do Fórum de Educação Infantil do Distrito Federal e quero interferir nas políticas públicas de valorização do começo de aprendizagem.

– O presidente Luiz Inácio Lula da Silva não mantém um bom diálogo com o governador Roriz. O bom relacionamento da senhora com o ministro Cristovam Buarque melhora a situação da Educação no DF?

– Há 20 anos eu estou na UnB defendendo as crianças. Um trabalho semelhante é desempenhado por Cristovam na ONG Missão Criança. Esse é um objetivo que nos une bastante. Temos

um relacionamento com interesses comuns. Eu tenho um respeito e uma admiração grande por Cristovam e sei que ele vai saber separar as coisas. Quando se trata de educação não importa as diferenças políticas.

– Como professora da UnB a senhora pretende levar um pouco mais a escola para dentro da universidade?

– É o contrário, a universidade para as escolas. É preciso haver um intercâmbio maior. Eu já tive uma primeira conversa com a reitoria para fazermos planos para os jovens interessados em conseguir o primeiro emprego. Sei que o Unicef tem um projeto sobre isso. Onde tiver parceiros eu vou atrás porque educação não se faz só pela secretaria.



Fátima: "Tanto o sindicato quanto o governo têm um papel a desempenhar de grande responsabilidade social"